

RESENHA

# VARELLA, Alexandre C. (2013), *A embriaguez na conquista da América: medicina, idolatria e vício no México e Peru, séculos XVI e XVII. São Paulo, Alameda.* 460 p.

**Daniel  
Guillermo  
Gordillo  
Sánchez**

Graduando em Antropologia. Bolsista Iniciação Científica – Fundação Araucaria. Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

A gênese da reflexão antropológica é contemporânea à descoberta do Novo Mundo. Com a exploração de novas terras começa a especulação sobre seus habitantes e surgem as primeiras perguntas sobre a humanidade desses seres, as quais adquiriam um caráter religioso, devido à preocupação de saber se esses seres tinham alma. Sobre este panorama, destacam-se relatos, crônicas, descrições e tratados dos missionários europeus que indagavam sobre as dimensões dos chamados 'bárbaros'. Um dos temas de análise referia-se aos usos de bebidas alcoólicas e plantas alucinógenas, os quais adquiriram diversas posturas e interpretações pelos clérigos da época e hoje constituem um eixo fundamental para os estudos históricos enfocados aos significados da embriaguez no período da colonização.

O recente trabalho que nos traz Alexandre C. Varella inscreve-se nesta linha de pesquisa. Embora sua trajetória acadêmica encontra-se na História, pois é mestre e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), o debate suscitado nesta obra é fundamental para compreender os significados culturais, as mentalidades políticas e os discursos morais associados à embriaguez e à idolatria dos indígenas, desde um ponto de vista europeu. Trata-se então de um insumo especial para áreas como Antropologia, Filosofia e Ciência Política.

O objetivo principal do livro *consiste em evocar, confrontar e interpretar as percepções que os médicos, clérigos, missionários e sacerdotes tinham com respeito às questões medicinais, à embriaguez e às práticas idolátricas das sociedades ameríndias durante os séculos XVI e XVII, e especificamente nas regiões dos Andes e da Meso-América. Assim, a análise centra-se sobre o tema das drogas nessas regiões, que então constituíam os vice-reinados de Peru e Nova Espanha, respectivamente.*

O livro *A embriaguez na conquista da América: medicina, idolatria e vício no México e Peru, séculos XVI e XVII*, mostra as diversas percepções sobre os significados da embriaguez na história. Para

isto, as obras analisadas de forma profunda foram *Apologética historia sumaria* (155?) do dominicano Bartolomé de las Casas e os documentos *De procuranda indorum salute* (1576) e *Historia natural y moral de las Indias* (1590) do padre jesuíta José de Acosta. Assim mesmo, observa-se um grande esforço de investigação documental e de fontes históricas realizado por Varella, ao trazer os aportes de outros missionários, como Bernardino de Sahagún, Diego Durán e Pablo Joseph de Arriaga, os clérigos seculares Hernando Ruiz de Alarcón e Jacinto de la Serna, e o indígena cristão ladino Felipe Guamán Poma de Ayala, entre outros. Assim, este trabalho adquire outros propósitos como refletir sobre um conhecimento renascentista e da contrarreforma na expressão ibérica na América e analisar as avaliações sobre o indígena que se inscrevem nos discursos de poder dos colonizadores.

Uma abordagem geral sobre o proposto por Varella sugere que os discursos sobre a embriaguez e a idolatria são regidos pela autoridade que se proclama no uso da razão<sup>1</sup>, segundo os parâmetros da filosofia natural e moral católica do ocidente. Esses discursos legitimariam as diversas e conhecidas práticas de dominação social das comunidades indígenas. Assim, no livro se analisam as peculiaridades e configurações dessas retóricas, as quais, é importante marcar, não necessariamente eram homogêneas e universais. Existiam, por exemplo, divergências entre as posturas de Las Casas e Acosta.

Apesar de os teólogos missionários Bartolomé de Las Casas e José de Acosta realizarem grandes esforços de entendimento sobre as formas de culto indígena, o primeiro permanece na Nova Espanha, e o segundo, um pouco mais contemporâneo, parte para o Peru, o que já implica certas diferenças contextuais (espaciais e culturais) e temporais de análise. Agora, neste livro, observa-se que os dois tinham sentidos diferentes e distantes de idolatria e demonização do mundo indígena. Las Casas (conhecido na Antropologia como um 'defensor' dos índios), embora concorde

<sup>1</sup> O autor argumenta que o equilíbrio mental poderia ser identificado com o homem em juízo, ou seja, governado pela razão, como característica fundamental e natural do ser humano. Neste sentido, a razão seria o melhor canal com o divino, comandado pelo corpo para a batalha moral pela salvação.

com a ideia de que o impulso religioso dos índios era corrompido pela agência demoníaca, pensava que suas religiões não eram irracionais. Por sua parte, Acosta era pessimista frente às realizações 'racionais' dos indígenas, e, além disso, pensava que, quanto mais complexa a organização civil e religiosa destes, mais idolátricos e pervertidos seriam os resultados. Por conseguinte, Varella (p. 41) considera que:

"O choque entre tais paradigmáticos religiosos pode ser visto também no ponto em que manejam o conceito de barbárie, o que de certa forma leva o assunto dos costumes indígenas para fora da questão religiosa. Em Las Casas, a barbárie é tão relativizada que torna os índios plenamente racionais. Em Acosta, os costumes bárbaros como 'segunda natureza' degradada obscurecem a 'lei natural' entre os índios."

Essa disparidade também está presente na visão sobre o uso das plantas pelos índios, tema sobre o qual gira a presente obra. Para Las Casas, os costumes são naturais dentro de uma visão cósmica. Ao contrário, Acosta dedicaria sua atenção aos efeitos das plantas, as quais podem ser viciosas e supersticiosas, e à fiabilidade dos costumes. Para este último, a religião dos 'bárbaros' é a expressão máxima da adoração ao diabo e a idolatria é uma oportunidade para se converter na adoração a Deus. Quer dizer, a embriaguez fruto do uso de substâncias psicoativas deveria ser substituída por um exercício de embriaguez em Deus.

Neste ponto é fundamental explicar brevemente um dos enfoques do trabalho que nos apresenta o autor: as drogas vegetais e suas receitas especiais. Hoje o tema das drogas é persistente no debate público mundial e é analisado em termos de política pública ou de política de segurança, segundo a orientação ideológica em questão, mas pouco se fala sobre suas matrizes simbólicas, suas matrizes culturais e suas raízes históricas, motivo pelo qual o livro se faz tão valioso. Neste trabalho se analisam representações em torno de algumas substâncias que produzem significados complexos e passíveis de debate. Os psicoativos se enquadram nessa conceituação de medicinas (inclusive são explorados e reconhecidos pelos espanhóis como plantas curativas) e alimentos que possuem grande força, faculdade ou virtude de trazer embriaguez ao cérebro, devido aos fluxos de matérias, líquidos e vapores penetrando nos tecidos e nos vasos sanguíneos.

Assim, dentro das principais drogas mexicanas inscritas nas fontes históricas que apresenta Varella<sup>2</sup>, teríamos o *cactus peyote*, as solanáceas como as *daturas mixelil* e *tlápatl*, os cogumelos como o *teonanácatl* e a semente conhecida como *ololihqui*. Como plantas visionárias peruanas temos a semente *vilca* e o fruto *espingo*, assim como o cactus *san pedro* ou *achuma*. Como estimulantes, estudam-se o *cacao* mexicano e a *coca* andina, assim como o *tabaco* ameríndio. Como bebidas alcoólicas, teríamos o *pulque*, feito a partir da planta mexicana de *maguay*, e a *chicha* andina, bebida feita à base da fermentação do milho. Além da diversidade de espécies e subspecies dessas substâncias, o autor também considera a variedade de receitas e as formas de

ingestão: emplastos, unguentos, bebidas, comidas, enemas, entre outros.

Para este estudo o autor seleciona as drogas indígenas mais conhecidas, apoiado na tradição acadêmica, histórica e antropológica e que está na perspectiva da classificação científica das drogas. Assim, existe um rigor específico sobre famosos alucinógenos, bebidas alcoólicas e estimulantes. Pode-se notar como as culturas ameríndias possuíam complexos sistemas de classificação, os quais, na visão europeia reduzem-se a objetos de idolatria. Desta maneira, Varella lembra que a incorporação de entidades através de substâncias ingeridas é constante nos indígenas, dado que os alucinógenos teriam o papel de facilitar o contato com os deuses, o que era incompreensível para os europeus, pois assumiam que o uso de substâncias psicoativas era diabólico. Sobre essa perspectiva, não ocorre apenas a demonização dos usos dessas plantas, mas também a estigmatização das substâncias em si. Vale a pena nos perguntar se nossas sociedades urbanas latino-americanas do século XXI não herdaram de suas elites essa visão ou parte da mesma, no momento de discutir o tema das substâncias xamânicas ou plantas sagradas como a coca, o tabaco e o *peyote*.

Desta maneira, o autor mostra como os discursos dos missionários e de outros atores sociais, embora destaquem as virtudes medicinais da gama de plantas e preparados embriagantes, acentuam a relação que tais elementos têm com a idolatria dos índios, ou seja, as drogas são tratadas como veículos de falsa religião. Longe disso, na obra se observa que as idolatrias, particularmente no México e no Peru, aparecem como sistemas de crença e religiões institucionalizadas, onde as forças divinas indígenas transitam facilmente entre ídolos, relíquias, avatares, e inclusive manifesta-se em visões alucinógenas. O problema, então, para os missionários era extirpar a idolatria para potencializar a cristandade, o que consistia na imposição religiosa contra a idolatria e a imposição moral contra os vícios.

Outra contribuição fundamental do presente livro é a análise que traz sobre a existência de um esquema de códigos de similitude e oposição por analogias, na retórica da alteridade dos cronistas espanhóis no momento de interpretar os cultos indígenas. Isto é, de certa maneira, a visão europeia da idolatria dos índios é especular da visão de religião que trazem os ibéricos. Relata-se como as categorias religiosas da tradição cristã são projetadas no Novo Mundo. O autor, sujeito ao mesmo esquema, responde que "a idolatria (como cultura indígena) proporia uma relação mais complexa que a simples veneração de imagens como recurso para a lembrança do sagrado, quando este é o culto ideologicamente correto de santos e relíquias da cristandade" (p. 46).

Em suma, o trabalho que nos traz Varella se preocupa por ver como os cronistas interpretam os processos de embriaguez e que sentidos oferecem aos signos da idolatria, de superstição, de vício e festa. Nos quatro capítulos que compõem a obra, faz-se uma completa e judiciosa revisão da visão europeia, que se move entre paradigmas limitantes e chaves imprescindíveis para a interpretação das práticas aborígenes. A comparação discursiva e contextual que se faz sobre a época

da conquista da América enriquece a discussão acerca das plantas psicoativas e seus usos junto ao debate contemporâneo sobre as formas de embriaguez e da religiosidade nas sociedades mais estratificadas da América Indígena. Assim, a partir desta pesquisa, podemos pensar fenômenos sociais contemporâneos, como por exemplo, a chamada 'guerra contra as drogas', muito presente em países como o México, o Peru e especialmente a Colômbia. Neste sentido, é importante analisar outros discursos não necessariamente europeus. Hoje temos o discurso norte-americano, onde as políticas punitivas e proibitivas extremas contra os 'cultivos ilícitos' têm gerado efeitos e consequências negativas para a preservação física e cultural dos povos indígenas do continente.

Neste livro se desconstroem as concepções e noções generalizantes que reduzem e simplificam o uso de substâncias tão variadas como as bebidas alcoólicas, as plantas, e as substâncias alucinógenas que servem como instrumentos visionários, e se assume uma posição crítica sobre a afirmação ocidental de que esses costumes criavam desordem social e intelectual pela carência científica, material e espiritual das populações indígenas.

Este livro é de interesse para estudantes, professores e pesquisadores que pertençam à área de História e Etnologia indígena, e de profissionais em Ciências Sociais atraídos por estudar o tema da embriaguez a partir de uma perspectiva histórica. A obra, além disso, representa uma contribuição fundamental ao projeto da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, onde Varella é docente e investigador, em razão do caráter multicultural dessa instituição, a trajetória de vida do autor e o objeto de pesquisa do livro. Em definitivo, uma enorme motivação e oportunidade para seguir aprendendo, investigando e descobrindo a história de nossos antepassados.

**2** Aclara-se que são utilizados os critérios de nominação e classificação dos embriagantes segundo os cientistas e religiosos do início da era moderna.

